

“Sucata Sisters”

A pequena caravana inclina-se, quase bêbeda contra um penedo no meio da sucata silenciosa. Emite uma luz suja, ocrácea, que apanha o pouco brilho de para choques. Que já foram cromados neste cemitério de carros. Na encosta da serra a meio caminho do cu de Judas.

A traição está no ar. A multidão força os portões corta o arame farpado e entra sem palavras, sem sinal, sem aviso. Os cães, ferozes por natureza, estão mudos esta noite, além de um rosar pouco convicto, como se também eles sentissem o peso da descoberta, o inevitável cerco.

Duas irmãs são donas de uma sucata num local isolado e montanhoso onde passa uma estrada estreita, Cheia de curvas e de outros perigos.

Judas é dono do café. A mesa do canto reservada sempre para elas. Há quem diga que ele dorme com as duas ao mesmo tempo.

Há quem diga que é uma noite para cada uma. Há quem diga que nem ele tem coragem...

O café do Judas é famoso na região: pelo cartaz e pela bôla de carne.

O cartaz é de plástico, com um pouco de relevo. Uma mulher sedutora olha-nos debaixo de anos de surro e de gordura, onde dezenas de mãos lascívia já tocaram no seio que ela expõe com um ar tímido e atrevido. As celebres bôlas do Judas são motivo de paragem obrigatória para camionistas e motards, turistas e vendedores, lavradores e alcoólicos. A sua carne suculenta é temperada com ingredientes secretos, a receita antiga que Judas colheu no ultramar.

Tudo contido numa deliciosa e crocante crosta dourada. Mas o destino de quem se atreve a tocar na mama da mulher sedutora e plástica é macabro e malicioso. Teia de aranha mortal.

Vingança imediata e escura. Estrada traiçoeira. Morte e desaparecimento. O carro para a sucata, esqueleto para a bagageira e a carne fresca e suculenta? Inspirado nos melodramas do século dezanove, nos filmes mudos e nas baladas country, Sucata Sisters é de um humor terrivelmente negro. O confronto do urbano e de rural, do feminino e do masculino, do civilizado e do primitivo, deixa-nos com um espectáculo que nos assusta e que nos entretém,

que nos comove e nos faz pensar..... Será possível? Mas a verdade é que é. A verdade é pior do que o nosso imaginário.

Co-produção

Viriato Teatro Municipal Teatro Regional da Serra do Montemuro

Na sequência da co-produção de Hotel Tomilho com os Laika da Bélgica em 2004, o Teatro Regional da Serra do Montemuro continua a internacionalização do seu trabalho com Sucata Sisters, em 2005-2006.

Ficha Artística

Texto: Hanneke Paauwe

Tradução: CéLia Fechas e Steven Brys

Encenação: Graeme Pulleyn

Direcção Musical: Carlos Clara Gomes

Cenografia: Helen Ainsworth

Figurinos: Helen Ainsworth

Assistência a Cenografia: Abel Duarte e Eduardo Correia

Construção de Cenários: Carlos Cal

Desenho de Luzes: Teatro do Viriato

Interpretes: Paulo Duarte, Susana Branco, Tânia Ruivo e Miguel Sopas

Produção Executiva: Paula Teixeira

Direcção de Cena: Abel Duarte

Assessoria de Imprensa: Paula Teixeira

Design Gráfico: Helen Ainsworth

Fotografia: Susana Paiva

Condições Técnicas Necessárias

Espaço necessário para apresentação:

Espaço cénico – Largura: 07m; profundidade: 07m; altura: 04m

Necessidade de acesso a corrente eléctrica trifásica

Espaço Escuro

Duração da Montagem: 04 horas

Duração da Desmontagem: 02 horas